UBC

REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#02_AGOSTO DE 2009

TWITTER
WAGNER TISO
PRODUÇÃO INDEPENDENTE
ZÉ RODRIX
HELOÍSA FISCHER
RAUL SEIXAS

TRILHAS DE CINEMA

A PARCERIA ENTRE MÚSICA E IMAGEM CONSAGRA COMPOSITORES E DIRETORES DA SÉTIMA ARTE

Motivos para você ser associado à UBC:

- ✓ Transparência
- ✓ Fonograma *web*
- ✓ Agilidade no pagamento
- ✓ Assembleia geral anual
- ✓ Menor percentual de administração
- ✓ Maior representatividade internacional
- ✓ Sistema único para liberação de retidos
- ✓ Garantia de defesa dos seus direitos no ECAD
- ✓ Administração moderna com tecnologia de ponta

Tudo isso você encontra na UBC.

www.ubc.com.br

tel.: (21) 2223-3233

EDITORIAL

NO FOCO DA MÚSICA E EM SINTONIA COM O CINEMA

Como diria o cineasta Walter Carvalho, que costuma citar a frase do também cineasta Abel Glance, “o cinema é a música da luz”. Com esse foco, este número tem como principal tema a sintonia entre música e cinema. Qual é a importância da trilha sonora no filme? Por que o autor da trilha sonora é considerado um dos autores dessa obra coletiva?

Quem não se lembra do tema “Jaws”, de John Williams, criado para o longa-metragem “Tubarão”. Com apenas duas notas, o compositor encheu de suspense as cenas de maneira a tornar desnecessária a presença do tubarão para o público pressentir seu ataque iminente.

A música, além de atribuir emoção às cenas, individualiza, caracteriza e cria uma assinatura para o filme. Nesta edição, vamos falar não somente da importância econômica da música inserida em trilhas de obras audiovisuais, como também sobre a produção independente que cresce exponencialmente em todo o mundo. Além disso, apresentamos ideias sobre o uso da internet como uma aliada na divulgação do trabalho artístico.

Por fim, sugerimos reparar na mudança do visual da nossa revista. Com esta nova embalagem e apresentação, que acomoda um conteúdo rico de informação, queremos transmitir o espírito com que nos dedicamos ao desempenho de nossas atividades.

Esperamos alcançar nossos objetivos. Leiam e aproveitem!

Marisa Gandelman

Ilustração: 6D

04_ NOTAS E LANÇAMENTOS
08_ **TWITTER**
10_ PRODUÇÃO INDEPENDENTE
11_ WAGNER TISO
12_ **MÚSICA NO CINEMA**
17_ ZÉ RODRIX
18_ **ENTREVISTA**
20_ FIQUE DE OLHO
21_ RAUL SEIXAS
22_ AGENDA

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivo a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural. **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Edmundo Souto, José Antônio Perdomo, José Loureiro, Paulo Sérgio Valle e Ronaldo Bastos I **Diretora Executiva:** Marisa Gandelman I **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr I **Projeto gráfico e diagramação:** 6D I **Edição e redação:** Batuta Comunicação (Vivi Fernandes de Lima, MTb 23251) I **Colaboradores:** Cecília Melo Rodrigues, Daniel Varsano, Gabriel Versiani, Luisa Saboia, Márcio Guerra, Pedro Paulo Malta I **Revisão:** Roberta da Costa I Distribuição gratuita I **Tiragem:** 5.000 exemplares.

NOVIDADES NACIONAIS

Livio Campos

FAGNER

CANTOR COMEMORA 60 ANOS COM NOVO TRABALHO E NOVAS PARCERIAS

Este ano, Fagner completa seis décadas de vida com uma agenda movimentada. O motivo é o lançamento do disco "Uma canção no rádio" (Som Livre). "Este é o CD que comemora meus 60 anos de vida e que diz bem o momento que estou vivendo musicalmente", escreveu Fagner no encarte do novo trabalho. De repertório romântico, sua especialidade, o cantor apresenta composições inéditas feitas em parceria com Zeca Baleiro e Fausto Nilo, e com os novos parceiros Gabriel O Pensador e Chico Cesar. O novo rabalho também traz regravações, como "Me dá meu coração" (de Accioly Neto) e "Flor do mamulengo" (de Luiz Fidelis), canções conhecidas do público nordestino.

Arquivo pessoal

BERNA

ARTISTA SE DIVIDE ENTRE O PALCO, O CINEMA, CDs E DVDs

Nem adianta perguntar. Em entrevista recente ao Globo On Line, o compositor Berna Ceppas adiantou: "Vivem me perguntando quando vou lançar meu disco. Eu respondo: nunca!". O motivo da negativa é que Ceppas prefere se envolver com diferentes projetos. Este ano, ele assinou a trilha do elogiado espetáculo "Ovo", um trabalho de Deborah Colker para o Cirque du Soleil. A coleção de trilhas para o cinema também está aumentando: "Mar sem fim", "Dois filhos de Francisco" e "Era uma vez". Uma direção de DVD aqui, outra produção de CD ali... E ainda se diverte no palco com a Orquestra Imperial.

Divulgação

ERASMO

TREMENDÃO LANÇA NOVO CD E JÁ SE PREPARA PARA TURNÊ NACIONAL

Não foi fácil, mas Erasmo Carlos conseguiu selecionar 12 músicas das 25 que havia composto para seu novo CD, "Rock 'n' Roll" (Coqueiro Verde). O disco apresenta parcerias inéditas com Nando Reis, Nelson Motta, Chico Amaral, Liminha – que também assina a produção – e Patrícia Travassos. Nesse segundo semestre, o Tremendão cai na estrada, fazendo *shows* pelo país porque, como diz Rita Lee na apresentação do *site* de Erasmo, "rock não é coisa para maricas".

MAYER

ENTRE UM SHOW E OUTRO, ARTISTA APRESENTA PROGRAMA DE RÁDIO

Não tem erro: todo domingo, das 11h às 13h, o cantor e compositor Beto Mayer está na Rádio Horizonte (AM 1310), do Rio Grande do Sul. Ele apresenta o programa "Chacoalhando os Gabiju", dedicado à promoção da música gaúcha na comunidade do litoral norte de Porto Alegre e também na internet, com transmissão ao vivo (www.radiohorizonte.com.br). Fora da rádio, Mayer trabalha na divulgação do CD, "Eu sou assim".

Divulgação

SIMONAL

DEPOIS DO FILME, BIOGRAFIA RETRATA A VIDA DE WILSON SIMONAL, O REI DA PILANTRAGEM

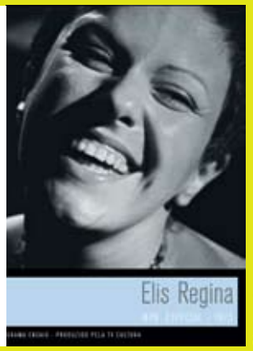
Já está nas livrarias o livro *Simonal* – Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga (Editora Record). Escrita pelo historiador Gustavo Alonso, a publicação conta a vida do cantor de sucesso que teve sua carreira interrompida aos 33 anos. A popularidade do artista que levantava plateias ao som de "Meu limão, meu limoeiro" (domínio público) também pode ser comprovada com o sucesso de público do documentário "Simonal – Ninguém sabe o duro que dei", de Cláudio Manoel, Calvito Leal e Micael Langer. Quando o filme entrou na sexta semana de exibição, já tinha cerca de 60 mil ingressos vendidos.

Divulgação

ENSAIO

PROGRAMA DE ENTREVISTAS DA TV CULTURA PODE SER CONFERIDO EM DVDs OU NA INTERNET

Três séries de DVDs do programa Ensaio, da TV Cultura, estão à venda nas lojas. Lançados por gravadoras diferentes – Biscoito Fino, Trama e Intercd – as séries, comandadas por Fernando Faro, trazem entrevistas e números musicais de grandes artistas da música brasileira, como Elis Regina, Nara Leão e Jamelão. O programa, no ar desde os anos 1970, ainda pode ser conferido no Ensaio Acervo, no *site* do canal (www.tvcultura.com.br), onde o internauta pode assistir às exibições do arquivo da emissora.



Divulgação

Divulgação

VINHO

HEITOR VILLA-LOBOS RECEBE HOMENAGEM DE CASA VALDUGA

"Sim, sou brasileiro, e bem brasileiro". A famosa frase de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) está presente em suas biografias como uma síntese de sua personalidade. E foi por ele ter sido assim, "bem brasileiro", que a vinícola Casa Valduga decidiu homenageá-lo com o lançamento do Heitor Villa-Lobos Gran Reserva Cabernet Sauvignon 2005. Parte da venda do vinho será destinada à Academia Brasileira de Música (ABM), fundada em 1945 pelo próprio maestro. A ABM tem como missão preservar e difundir a música erudita.

PRÊMIO

ARTISTAS SÃO RECONHECIDOS NA MAIOR PREMIAÇÃO DA MÚSICA BRASILEIRA

Este ano, o Prêmio da Música Brasileira, antigo Prêmio TIM de Música, recebeu mais de 946 inscrições. Desse total, foram selecionados 103 em 16 categorias. O recém-associado da UBC, Nelson Rufino, foi um dos contemplados. Sua composição "Uma prova de amor", em parceira com Toninho Geraes, gravada por Zeca Pagodinho, foi premiada na categoria samba. Entre os premiados também estão Jaques Morelenbaum, Sandra Peres e Paulo Tatit, DJ Dolores, Spok Frevo Orquestra, Hamilton de Holanda, Milton Nascimento e Jobim Trio, Pedro Luis e a Parede, Paula Toller e Renata Rosa. A premiação aconteceu em julho, no Rio de Janeiro.

Felipe Panfili

NOVOS ASSOCIADOS

Um pouco antes das rádios começarem a se deixar levar pela onda de ritmos nordestinos das festas juninas, os direitos de **Luiz Gonzaga** (1912-1989) passaram a integrar o cadastro da UBC. No mesmo período, também se associaram à entidade o baixista e compositor da banda Jammil e Uma Noites, **Mano Góes**, o compositor **Júlio César, MV Bill**, a banda **Agnela** e **Nelson Rufino**, autor de sucessos como "Nas águas de Amaralina" (com Martinho da Vila) e "Todo menino é um rei" (com Zé Luiz). Sejam bem-vindos!

LANÇAMENTOS

ALINE CALIXTO

ALINE CALIXTO (WARNER)
O repertório do primeiro álbum da cantora circula pelo samba do Rio de Janeiro, sua terra natal, de Minas Gerais, onde foi criada, e da Bahia, com a forte influência afro-brasileira de músicas como Oxossi (Roque Ferreira). O CD conta com um time de músicos de primeira, como Carlinhos Sete Cordas, Mauro Diniz (cavaquinho) e Ovídio Brito (pandeiro).

ROMULO FRÓES

NO CHÃO SEM O CHÃO (YB MUSIC)
O álbum duplo nasceu da ideia de registrar ao vivo todas as músicas do disco "Primeira sessão: Cala boca já morreu" em apenas uma semana, com uma pegada roqueira. A experiência rendeu a gravação de um segundo disco, "Segunda sessão: Saiba ficar quieto", mais influenciado pelos ritmos brasileiros.

CÉU

VAGAROSA (URBAN JUNGLE/ SIX DEGREE RECORDS)
O segundo álbum da cantora Céu conta com um repertório autoral e regravações da MPB, como "Rosa, menina rosa", de Jorge Ben Jor. As músicas passam pelas sonoridades do *reggae* turbinado com ruídos e *beats* contemporâneos, a brasilidade moderna e a latinidade que remete a Manu Chao e Bajofondo.

ZÉLIA DUNCAN

PELO SABOR DO GESTO (UNIVERSAL)
O nono disco solo de Zélia Duncan, "Pelo sabor do gesto", dá continuidade ao seu processo de renovação musical e abre ainda mais o leque de parceiros, com os produtores John Ulhoa e Beto Villares. "Tudo sobre você", que já está nas rádios, é um bom exemplo de música *pop* de qualidade.

ARNALDO ANTUNES, EDGARD SCANDURA, TACIANA BARROS E ANTÔNIO PINTO

PEQUENO CIDADÃO (ROSA CELESTE)
Arnaldo Antunes, Edgard Scandura, Taciana Barros e Antônio Pinto reuniram nesse CD as composições feitas para seus filhos. As músicas falam sobre os primeiros "pepinos existenciais" – definição dos próprios artistas – do ser humano, como a difícil hora de largar a chupeta, e coloca o público infantil em contato com estilos que vão do *pop* ao forró.

MILTON NASCIMENTO E BELMONDO

BELMONDO ET MILTON NASCIMENTO (BISCOITO FINO)
Lançado na França em 2008, o CD chega ao Brasil com 10 clássicos do repertório de Milton Nascimento, entre eles "Nada será como antes", "Morro velho" e "Travessia", e o toque do *jazz* moderno dos irmãos Belmondo: Stéphane no trompete e Lionel no sax e clarinete. Tudo isso acompanhado pela Orchestre National d'Ile-de-France.

NOVIDADES INTERNACIONAIS

Divulgação

O diretor de cinema Milos Forman foi um dos palestrantes de destaque.

NADA DE BOM LADRÃO

CÚPULA MUNDIAL DISCUTE O FUTURO DO DIREITO AUTORAL

Robin Hood, famoso personagem da literatura folclórica inglesa, é conhecido como o "príncipe dos ladrões" ou "o bom ladrão" desde a Idade Média. E isso porque ele roubava dos ricos para dar aos pobres. Em palestra no World Copyright Summit, realizado em Washington (EUA), em junho, o cineasta tcheco-americano Milos Forman disse que os que fazem pirataria se consideram, erroneamente, bons ladrões modernos. "Os piratas se veem como um Robin Hood dos dias de hoje. Na verdade, eles estão roubando de milhares e milhares de pessoas honestas de todo o mundo, muitas delas pobres", disse o diretor de clássicos como "Um estranho no ninho", "Hair" e "Amadeus".

Organizado pela Confederação Internacional de Sociedade de Autores e Compositores (Cisac), o evento contou com mais de 90 conferencistas. Em pauta, estava a importância da proteção dos direitos autorais e da distribuição de conteúdos artísticos na era digital. Autoridades governamentais, artistas, acadêmicos e representantes da indústria cultural e de entidades ligadas ao direito autoral compuseram a lista de palestrantes. Entre eles, estavam o senador americano Orrin Hatch, o professor de direito Michael Heller, da Columbia Law School, e o pintor Frank Stella.

Na plateia, estavam mais de 500 delegados de mais de 55 países. A diretora executiva da UBC, Marisa Gandelman, esteve presente, representando a entidade. Para ela, os fóruns do evento deixaram muito clara a ideia de que ninguém quer impedir a divulgação das obras, mas apenas conseguir produzir resultados financeiros com essas novas utilizações. "Como se difundiu uma cultura de que tudo na internet é gratuito, quem costuma sair como vilão da história são as sociedades arrecadadoras, ou os próprios autores e titulares de direitos que querem fazer valer seus direitos e receber pela utilização de suas obras", diz Marisa.

Em discurso, Milos Forman resumiu a essência do direito autoral: "Tudo que estamos pedindo é que se proteja o artista do roubo do direito de ser compensado pelo seu trabalho. Se nós danificamos nossa cultura, danificamos também o coração e a alma de nossa sociedade".

Mais informações sobre as conferências podem ser obtidas no *site* www.copyrightsummit.com.

MÉXICO

MAIS UM ESPAÇO PARA OS COMPOSITORES

A Sociedade de Autores e Compositores do México (SACM), que representa a UBC nesse país, irá inaugurar em 2010 um centro cultural em suas instalações. O objetivo da iniciativa é apoiar a execução e divulgação da produção de seus autores. O novo espaço contará com um auditório de 850 lugares; palco com capacidade para 80 músicos; salão para exposições e eventos em geral, com capacidade para 400 pessoas; e um estúdio de gravação profissional.

TECNOLOGIA A FAVOR DA MÚSICA. TWITTER É UMA NOVA FORMA DE PROMOÇÃO DE BANDAS E ARTISTAS

Extra, extra! Álbum de Milton Nascimento e Belmondo é lançado no Brasil. Carlinhos Brown e George Israel homenageiam Niemeyer. Essas são algumas das mensagens divulgadas no Twitter da UBC, reconhecido pelo nome de usuário ubcmusic, lançado em fevereiro. Lá a sociedade publica notícias da entidade e novidades do meio musical, oferecendo mais um espaço de divulgação.

Por Gabriel Versiani

Mas afinal, o que é o Twitter? À primeira vista, parece apenas mais um *site* de relacionamento. No entanto, este tem como principal característica a velocidade com que as informações circulam. Os textos inseridos pelos usuários têm no máximo 140 caracteres e são enviados automaticamente para os internautas que acompanham determinada página no Twitter, os chamados seguidores.

Os artistas Lula Queiroga, André Abujamra e Belô Velloso são alguns dos seguidores do Twitter da UBC. **Abujamra já tem mais de 4 mil seguidores.** Recentemente, Belô publicou "Acordar pra você", uma parceria com o tio Caetano Veloso. Quem segue seu Twitter pôde conferir.

Queiroga utiliza várias formas simultâneas de divulgação na internet. Seu Twitter é atualizado frequentemente e tem mais de 200 seguidores. "O Twitter não tem a mesma função do Orkut, ele é mais uma referência que aponta para outros *links* e mídias, e com a credibilidade de quem o escreve", diz. E todas as ferramentas da internet acabam funcionando juntas: "se coloco uma música nova no meu My Space, anuncio no Twitter e no Orkut. Um *site* vai alimentando o outro e as pessoas têm acesso a essas mudanças e acompanham tudo". Com o lançamento de seu mais recente CD "Tem juízo mas não usa", Lula alcançou uma visitação de mais de 20 mil acessos no MySpace (www.myspace.com/lulaqueiroga) em três meses.

Um fenômeno da divulgação

Criado em 2006, o *site* ganhou grande notabilidade, sendo muitas vezes chamado de SMS da internet, já que sua tecnologia também permite que as mensagens sejam enviadas para celulares. Dessa forma, o Twitter passou a ser um grande "furo de reportagem" ao ser o primeiro veículo a receber várias informações em primeira mão. Para se ter uma ideia de sua popularidade, as emissoras de TV e vários de seus programas têm um perfil no Twitter.

Em termos de redes sociais na internet, o *site* detém **o terceiro maior número de usuários,** atrás apenas do Facebook e do MySpace. E o mundo da música já descobriu a nova ferramenta. A edição de maio da revista americana *Billboard* apresentou uma reportagem que mostra como o site pode ser uma ferramenta de conexão direta do artista com seu público. A primeira "celebridade" gerada pelo Twitter foi a violoncelista canadense, residente na Califórnia, Zoe Keating.

Quando ela postou uma mensagem em que reclamava das dificuldades na carreira, não imaginava no que daria. O comentário foi incluído na lista de *posts* do ator americano Will Weathon (de "Star Trek") e do escritor inglês Neil Gaiman. Isso fez rapidamente com que ela adquirisse seguidores. Em maio, Zoe já tinha 412 mil pessoas que acompanhavam seu perfil no *site*, quase metade do público da CNN no Twitter.

Seu CD chegou ao topo da lista de *downloads* de clássicos no iTunes e se mantém entre as 20 mais desde então. O número de discos vendidos após sua aparição no *site* chegava a 2,5 mil em maio. A cada dia, são 5 mil seguidores a mais, em média.

O caso de Zoe Keating é um desses fenômenos que surgem na rede. No entanto, o Twitter pode ser muito bem utilizado por artistas e bandas que ainda não alcançaram o estrelato e ainda buscam um lugar ao Sol. É o caso de Juliano Gauche, cantor e guitarrista da banda Solana (www.twitter.com/solanafeliz), de Vitória, ES. Ele usa o *site* **como um diário da banda,** para avisar sobre novas datas de *shows* e novos vídeos. "Como é uma ferramenta muito utilizada por jornalistas, sempre acaba indo parar em algum jornal, sempre gera uma notinha ou outra por aí", conta Juliano, que também segue o Twitter da UBC.

O cantor e guitarrista considera que as ferramentas estão à disposição de quem quer trabalhar: "Não há mais desculpas para a distância: quem tem um bom trabalho tem na internet tudo o que precisa para chegar às pessoas. Não há mais o que esperar, todas as ferramentas para divulgação são muito simples de serem administradas. Fizemos um disco virtual – www.felizfeliz.com.br – e estamos sendo muito bem acessados pelo Brasil inteiro e até no exterior", diz Gauche.

Como vender uma banda na internet

Mas como um artista independente pode ganhar dinheiro **na internet com sua música?** Um modelo que pode indicar uma alternativa para o futuro da música é o *site* Sellaband.com, criado por dois ex-executivos da Sony/BMG holandesa e um ex-executivo da Shell do mesmo país. Trata-se de um espaço onde bandas e artistas podem ser patrocinados por internautas, que compram "partes" do projeto, cada uma equivalente a US$ 10.

Ao juntar um montante de US$ 50 mil, o artista pode retirar o dinheiro para financiar a gravação de um disco profissional. Os doadores recebem, com a comercialização dos CDs e *downloads* pagos na internet e em celulares, uma remuneração proporcional à quantidade de "partes" financiadas.

Alguns brasileiros figuram na lista de artistas com projetos no *site*. Dentre eles estão a harpista Cristina Braga, a Camerata Brasileira e a banda Diafanes, de São Paulo – recordista no país em "partes vendidas", com US$ 760 arrecadados. André Abujamra é um dos que assinam embaixo da nova tecnologia: "O lance é demorado, mas é muito legal".

Siga em frente!
UBC: www.twitter.com/ubcmusic
Lula Queiroga: www.twitter.com/lulaq
André Abujamra: www.twitter.com/andreabujamra
Belô Velloso: www.twitter.com/belovelloso
Solana: www.twitter.com/solanafeliz

PRODUÇÃO INDEPENDENTE

O MERCADO DA MÚSICA FORA DAS GRANDES GRAVADORAS ESTÁ EM PLENO CRESCIMENTO

Xavier de França

Arquivo pessoal

A banda Móveis Coloniais de Acaju e André Abujamra: independentes de nascença.

Mais da metade dos artistas contemplados pelo último Grammy não têm contrato com grandes gravadoras. A informação está em sintonia com o cálculo feito recentemente pela Associação Americana de Música Independente (A2IM), que diz que 80% das músicas feitas nos Estados Unidos são independentes, ou seja, não estão ligadas às grandes multinacionais. A entidade atribui a gravadoras e selos independentes a venda de 32% de álbuns nos EUA em 2008. O número foi 1,5% maior em relação a 2007, confirmando o crescimento.

No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira da Música Independente (ABMI), 85% dos CDs e DVDs lançados no país em 2008 são independentes. A UBC tem mais de 800 titulares produtores fonográficos e mais de 50% deles são de pessoa física, comprovando um aumento de 3.550% entre 1999 e 2007.

Um desses produtores é o também músico e compositor Maurício Pereira, que está no *Guinness Book* por ter feito o **primeiro *show* via internet no Brasil**, em 1996. Seus quatro discos solo – inclusive "Pra Marte", seu lançamento mais recente – são do selo independente Lua Music (www.luamusic.com.br), que está entre os participantes da quinta edição da Feira de Música Independente Internacional de Brasília, que vai acontecer em novembro, mais uma prova do crescimento dos independentes.

Os parceiros André Abujamra e Daniel Szafran também são do tipo "joga nas 11", trabalhando na composição, gravação, produção e até na divulgação. "Eu sempre fui independente e esse lance de divulgação pela internet está fazendo meu som chegar pra mais pessoas. Como meu som é *world music*, está chegando pra muita gente no mundo inteiro", diz Abujamra.

Um exemplo de banda que conseguiu criar seu próprio circuito é a Móveis Coloniais de Acaju, de Brasília. "Lançamos o primeiro disco de forma 100% independente, com dinheiro do próprio bolso", conta Esdras Nogueira, saxofonista da banda que hoje conta com uma parceria com a gravadora Trama.

O mesmo diz Fabrício Bigode, um dos sócios da bem-sucedida Monstro Discos, de Goiânia. Há mais de 11 anos no mercado, a gravadora tem hoje mais de 40 bandas de todo o Brasil e outros países em seu catálogo, entre artistas próprios e distribuídos pela empresa. "Nunca nos preocupamos com as tendências da mídia, seguimos nosso caminho com bandas de *rock*, na maioria das vezes **remando contra a grande indústria**. Hoje, a pessoa compra nossos produtos pelo conceito, pela própria gravadora, que adquiriu um charme de qualidade", conta.

SMD: uma alternativa para os independentes

O SMD, iniciais de Semi Metallic Disc, é um formato de áudio que pode armazenar até 70 minutos de música com a mesma qualidade de um CD convencional. Embora seja produzido com tecnologia diferente, o SMD pode ser reproduzido em qualquer tocador de CDs convencional e é comercializado por R$ 5, com preço fixo impresso na capa, de forma a garantir o cunho social de acesso à cultura.

A tecnologia, desenvolvida no Brasil, está sendo usada para combater a pirataria, já que o SMD tem um custo 30% menor que o do CD comum, gerando um preço de compra **mais acessível** – redução média de 80% segundo o Portal SMD (www.portalsmd.com.br). Um SMD com encarte colorido de 11 x 44 centímetros, por exemplo, tem custo de R$ 1,77 por unidade. Neste caso, o lucro bruto com cada um fica em R$ 3,23.

É uma alternativa que já foi utilizada por mais de 200 artistas, entre eles estão Zeca Baleiro e Lucas Santana. Para um artista lançar um SMD e se tornar dono de seu próprio trabalho, basta além de gravar e elaborar o projeto gráfico do CD – gerar os códigos de ISRC, adquirindo o programa ao se filiar, como produtor musical e outras categorias, a uma sociedade arrecadadora, como a UBC.

Marcia Foletto

WAGNER TISO

POR ELE MESMO

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO RIO REGISTRA DEPOIMENTO DE WAGNER TISO E PRESERVA HISTÓRIAS DE UMA CARREIRA DE SUCESSO PARA A POSTERIDADE

Por Luisa Saboia

Para conhecer Wagner Tiso é preciso fazer um passeio pelas canções populares, eruditas, composições para o teatro, cinema, toda a obra que o faz ser reconhecido no Brasil e no exterior. Esse passeio fica ainda mais completo acompanhado pela fala do próprio Tiso. Para isso, já está disponível no Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro o depoimento do músico, registrado em junho para o projeto Depoimentos para Posteridade. "Foi uma honra participar. Me senti orgulhoso e envaidecido. O bacana dessa história é que esse relato fica registrado para sempre. É um reconhecimento que eu nem imaginava que merecia", comenta, esbanjando modéstia, o artista de quase 50 anos de carreira.

Mineiro de Três Pontas, Tiso nasceu no dia 12 de dezembro de 1945. Foi na cidade natal que conheceu um dos seus grandes amigos e parceiros, Milton Nascimento. As origens familiares do Leste europeu combinadas com o regionalismo mineiro moldaram suas raízes musicais. Autodidata, começou a tocar piano ainda criança. "Na infância ouvia-se muita música erudita dentro de casa, mas também havia espaço para a música popular e os grandes conjuntos da época", conta.

Ao lado de Milton, formou grupos como o Luar de Prata e os W's Boys, com o cantor usando o pseudônimo de Willer. A parceria dos conterrâneos se refletia nos gostos musicais e nas descobertas. "Milton é meu irmão musical. Com ele descobri muitas coisas, entre elas o *jazz*, que mudou minha percepção musical. Naquela época, ouvia muito Miles Davis, John Coltrane e muitos outros", lembra.

Em Belo Horizonte, encontrou sua turma. E que turma! Além de Milton, os irmãos Borges (Marilton, Márcio e Lô), Toninho Horta, Beto Guedes, Fernando Brant... Ao chegar ao Rio, em 1964, passou a tocar em casas noturnas e se tornou um dos mais requisitados pianistas da cidade. Produziu cinco álbuns em parceria com Paulo Moura, seu grande incentivador, e acompanhou nomes como Marcos Valle, Cauby Peixoto e o próprio Milton. Em 1969, integrou a banda instrumental Som Imaginário.

Em um *show* de Maysa, estreou como arranjador e em 1974 foi eleito pela crítica como o melhor arranjador do ano. Em 1978, gravou o álbum solo "Wagner Tiso", o primeiro de uma série de 33 discos de sua carreira. Em 1984, "Coração de estudante", uma parceria com Milton Nascimento criada para o filme "Jango", de Silvio Tendler, tornou o artista ainda mais popular: a música virou hino da Campanha das Diretas. Consagrado também no exterior, Tiso coleciona participações em festivais de *jazz* como os de Montreux, Berlim e Nice, e também prêmios, como o Rival BR em 2008 e Tim em 2007, ambos pelo CD "Da sanfona à sinfônica – Wagner Tiso 40 anos de arranjos". E a veia erudita continua presente: desde 1999, por exemplo, tem atuado com a Orquestra Petrobras Pró-Música.

Atualmente, entre um *show* e outro, dedica-se à trilha sonora de um filme português. Planos para o futuro são muitos. "Meu próximo projeto é um disco só com músicas de sambistas mineiros, como Ataulfo Alves, Ary Barroso e Geraldo Pereira, que possuem repertórios maravilhosos", diz ele. O álbum, que vai se chamar "Minas dá samba", terá participações de João Bosco, Zélia Duncan e Gal Costa, entre outros. Ainda este ano, pretende lançar cinco CDs com 15 suítes sinfônicas – resultado do mergulho na música erudita, iniciado no fim dos anos 1980.

E como Wagner Tiso se define? "Nunca pensei em como me definiria como artista. Não me preocupo com isso. **Faço meus trabalhos com gosto, com prazer. O que eu quero é ter tempo para fazer as coisas que sempre sonhei, a música que está só na minha cabeça.** Tenho muita sonoridade para mostrar e as coisas fluem muito bem pra mim. Consigo transitar em diversas áreas, como o *jazz*, as trilhas sonoras, a música erudita, sempre com a mesma paixão. Posso dizer que faço um trabalho diversificado, complexo".

CÂMERA NA MÃO, MÚSICA NA CABEÇA

Por Vivi Fernandes de Lima
Ilustrações: 6D

A parceria entre música e imagem consagra compositores e diretores da sétima arte

Numa coisa cineastas, compositores e teóricos da sétima arte concordam: o cinema nunca foi mudo. E isso porque a música sempre acompanhou as exibições de filmes, desde as primeiras produções dos irmãos Lumière, considerados pais do cinema. Enquanto o rolo de filme era projetado na sala escura, melodias eram executadas ao vivo, normalmente num piano. Ernesto Nazareth foi um dos pianistas que trabalharam nas salas de cinema do Rio de Janeiro no início do século passado. Desse fato surgiu sua composição "Odeon", uma reverência ao cinema carioca onde trabalhava.

O cineasta Walter Lima Júnior, um apaixonado pela música, ressalta a importância das trilhas também para a memória do cinema. "Muitos filmes foram restaurados a partir das partituras que acompanharam suas exibições. Isso porque a música dava ritmo à projeção. Assim, de acordo com o tempo da música, era possível saber se estavam faltando quadros ou não", conta Lima.

Essa dependência entre a imagem e o som está presente em toda história do cinema, consagrando compositores e diretores cinematográficos pela reverência à emoção. Nas próximas linhas, seguem algumas impressões musicais de artistas dedicados à sétima arte que buscam a sintonia entre música e imagem.

MÚSICA PARA OS CINEASTAS

Quando Walter Lima Júnior assistiu ao longa-metragem "Quando fala o coração", de Alfred Hitchcock, sentiu-se **atraído pela trilha musical.** "Há um personagem neurótico no filme e a música transmite esse suspense, embalando a história". A composição a que Lima se refere é do húngaro Miklós Rózsa (1907-1995), que ganhou o Oscar com esse trabalho em 1946.

Rózsa está entre os compositores de trilhas para cinema mais reconhecidos da história do cinema, ao lado do italiano Nino Rota, que compôs para clássicos como "A doce vida", de Federico Fellini, e "O poderoso chefão", de Francis Ford Coppola.

No Brasil, o reconhecimento da música composta para o cinema vem crescendo desde que a trilha sonora do filme "O cangaceiro", de Lima Barreto, recebeu **menção honrosa em Cannes** em 1953, fruto do trabalho do maestro Gabriel Migliori, que inseriu a música folclórica "Mulher rendeira" no longa. O mesmo compositor também foi premiado no Festival de São Francisco, nos EUA, pela trilha de "O pagador de promessas", de Anselmo Duarte, em 1962.

A sintonia entre o diretor cinematográfico e o compositor é uma condição que contribui para o resultado final do filme.

No *making of* de "Feliz Natal", o diretor Selton Mello, brinda o telespectador com um depoimento que confirma a importância do compositor para o filme. "Eu sou um admirador de músicos que fazem trilha para cinema. Gosto de cinema com música. Acho que o cinema atual vem abrindo mão disso e está em busca de uma coisa mais seca, dura. Admiro esse cinema também, gosto como espectador, mas o cinema que eu gosto de fazer é muito musical. Plínio Profeta foi brilhante", diz Mello, referindo-se ao autor da trilha de seu filme. Os filmes de Carlos Diegues são exemplos de produções que têm a música em destaque. Quem pensa em "Xica da Silva" sem lembrar do refrão "Xica da, Xica da, Xica da, Xica da Silva, a negra", de Jorge Ben Jor? E em "Bye Bye Brasil", sem a canção homônima de Chico Buarque e Roberto Menescal? As músicas dos filmes

de Diegues são tão marcantes que chegaram a virar CD, em 1999, com o título “As músicas dos filmes de Carlos Diegues” (Natasha Records).

A associação de seus filmes a músicas é resultado da **afinidade do diretor com as duas artes.** Em entrevista a uma revista parisiense, em 2005, Diegues falou um pouco sobre a sintonia entre música e cinema em seu processo de trabalho: “O papel da música no cinema é acrescentar à história que está sendo contada alguma coisa necessária a ela e que não está inserida nas imagens do filme. Muitas vezes, trabalho uma cena inspirado em uma música qualquer”.

Processo parecido acontece com Walter Lima Júnior. “Eu escuto música enquanto estou escrevendo. De alguma maneira tenho sempre uma referência sonora para o filme”, diz o diretor, que chega a colocar música no autofalante durante os ensaios com o elenco. “Assim, fica mais fácil passar o clima da cena”, garante.

A criação da trilha, para Lima, deve estar afinada com a direção. “Como trabalho há muitos anos com o Wagner Tiso, já perdi um pouco da vergonha e passo pra ele a ideia da música que imagino. A partir dessa conversa, ele recria, complementa e assume **o clima do filme.** Quando filmei ‘Ele, o boto’, por exemplo, ouvia muito ‘Valse’, de Paulo Jobim”, conta o diretor, que se diz um apaixonado por música: “Às vezes, fico muito tempo com uma música na cabeça até materializá-la num movimento de câmera”.

CINEMA PARA OS MÚSICOS

Se o cineasta é apaixonado por música, o músico, por sua vez, é apaixonado por cinema. A primeira trilha de Wagner Tiso foi para um filme de Rui Guerra, “Os deuses e os mortos”, de 1969. De lá pra cá, fez mais 15 composições para longas-metragens. “Vejo que a minha música traz muita imagem embutida. É uma música que se encaixa muito bem em filmes. Produzir trilhas me dá muito prazer”, comenta Tiso.

Ed Motta também é fascinado por cinema. Sua experiência com a sétima arte já lhe rendeu seis filmes. Entre eles, “A partilha” (2001), de Daniel Filho. A veneração por cinema é comprovada no *site* do artista com a publicação de uma lista de filmes prediletos. Entre eles está, “Oito e meio”, de Fellini, cuja música é assinada pela quase unanimidade Nino Rota.

Outro músico **louco por cinema** é David Tygel. “Desde criança sonhava em fazer música para cinema”, diz o compositor e integrante do grupo Boca Livre. Ele começou a realizar seu sonho em 1984, quando compôs a trilha do filme “O espelho de carne”, de Antônio Carlos Fontoura. Dois anos depois, assinou a trilha de “O homem da capa preta”, de Sérgio Rezende, um dos cinco títulos que lhe renderam premiação no Festival de Gramado. Ao todo, foram 24 criações musicais para o cinema. Entre elas, estão “Quem matou Pixote?”, de José Joffily, e “O homem nu”, de Hugo Carvana, ambos de 1996.

> “Eu escuto música enquanto estou escrevendo. De alguma maneira tenho sempre uma referência sonora para o filme” Walter Lima Júnior

A dedicação ao cinema tornou Tygel uma referência em trilhas musicais. Prova disso são os cursos de trilha sonora ministrados por ele no Centro de Estudos da Música para a Imagem (Cinemúsica) – instituição criada pelo próprio Tygel – e na PUC-Rio, entre outros espaços educativos. Recentemente, ele ofereceu um *workshop* sobre o tema na Caixa Cultural Rio de Janeiro, centro cultural da Caixa Econômica Federal, e recebeu mais de 800 inscrições, que disputaram 80 vagas.

Sócio da Associação Brasileira de Compositores de Música para Audiovisual (Musimagem), o artista acredita que há um aumento do interesse dos músicos pelo tema. “Nos anos 1990, surgiram novos nomes nesse mercado, como André Abujamra e Jaques Morelenbaum”, diz Tygel, atento aos novos profissionais e também ao histórico do **crescimento desse trabalho no Brasil.** “É muito importante conhecer o trabalho de trilheiros brasileiros como Remo Usai, que fez mais de 100 trilhas”, diz ele.

O envolvimento de Tygel com as trilhas sonoras é tanto que ele pretende lançar um livro sobre o assunto. “Não se trata de um livro teórico, mas teria alguma teoria desenvolvida a partir da minha experiência. Também gostaria de abordar a questão do direito autoral, esclarecendo algumas dúvidas sobre o tema”, conta o compositor. Para ele, o fascínio do cinema sobre a música ou vice-versa pode ser resumido em uma frase: “Gosto que a música esteja a serviço da imagem”.

OS DIREITOS DA MÚSICA DA IMAGEM:

Como é feita a arrecadação e a distribuição do direito autoral no audiovisual

Som, luz, câmera e ação! Nesse grito de guerra tão recorrente nas filmagens de televisão e cinema, o som aparece em primeiro lugar. No entanto, a música nem sempre tem esse destaque quando o assunto é pagamento de direito autoral. Todas as emissoras de televisão, com exceção da Record, estão em litígio. O mesmo acontece com as TVs por assinatura e com os cinemas.

O percentual de arrecadação previsto para TV aberta e cinema é o mesmo, correspondendo a 2,5% do faturamento bruto. Mas, segundo o gerente de arrecadação do Ecad, Márcio Fernandes, a diferença da movimentação financeira entre esses dois exibidores é expressiva. “Às vezes, esses 2,5% da TV podem representar até R$ 16 milhões. No cinema, se considerarmos a quantidade de pessoas que vai às salas pagando de R$ 16 a R$ 21, não se chega nem perto desse valor”.

> “Gosto que a música esteja a serviço da imagem” David Tygel

As TVs por assinatura apresentam um quadro pior que o da TV aberta com relação ao pagamento do direito autoral. Elas estão unidas na Associação Brasileira de TV por Assinatura (ABTA), que tem o posicionamento de não fazer esse pagamento. Diferente da TV aberta, os canais fechados devem destinar 2,55% da receita bruta ao direito autoral. Os valores distribuídos são divididos em grupos de diferentes pesos para cada canal de acordo com o uso que faz da música, ou da importância da música na programação. Há grupos de variedade, música, esportes, jornalismo, entre outros.

Mas afinal, se existe uma lei do direito autoral, por que os exibidores não cumprem? A TV Globo, por exemplo, acha esse valor excessivo. Acha, inclusive, que não deveria haver um percentual, mas um valor fixo. A MTV já tentou apresentar para o Judiciário que ela tinha cessão dos titulares para apresentar aquelas músicas. “Imagine! Logo a MTV, que vive de música... As TVs têm um faturamento que resulta de anunciantes. O titular das obras não pode ficar fora disso”, diz Márcio Fernandes.

Com relação aos exibidores de cinema, o gerente geral da UBC, Ney Tude, é enfático: “O grupo Severiano Ribeiro está pagando os valores atrasados e os atuais porque perdeu na justiça. Mas o Cinemark, por exemplo, **não paga.** Há um ou outro pequeno exibidor que sempre pagou e outros que pagam porque perderam na justiça”.

Na TV, a arrecadação é feita em duas etapas. Primeiro, o Ecad compara as planilhas enviadas pelas emissoras, com títulos das obras e os segundos de execução, com as gravações das programações. Depois, é conferido o tipo de utilização da música, ou seja, se é música de fundo ou *background*, tema de abertura e encerramento, tema de personagem, *performance* ou demais obras.

Um exemplo bastante atual e popular são as execuções em telenovelas. Em “Caminho das Índias”, quando a personagem Norma – interpretada pela atriz Dira Paes – entra em cena, ouve-se o forró “Você não vale nada”, sucesso da banda Batom na Cueca. Este é um exemplo de tema de personagem, ou seja, a música estará diretamente associada àquela personagem.

Cada classificação tem um peso diferente no valor distribuído, ou seja, corresponde a uma fração específica do valor de um segundo de exibição em uma emissora, o ponto autoral (veja a tabela abaixo). Seu cálculo é feito dividindo toda verba que o canal deve pagar de direito autoral por todos os segundos de todos os programas.

A arrecadação nos cinemas é baseada no borderô. Para cada filme, há uma lista de obras utilizadas na produção cinematográfica. Essa lista é o *cue-sheet*, um documento oficial elaborado pelas produtoras de filmes que contém informações sobre as obras inseridas no filme.

Tipos de utilização das músicas e seus pesos correspondentes

Música de abertura	Composição que acompanha a abertura do programa.	12/12
Música de encerramento	Composição que acompanha o encerramento do programa.	12/12
Tema de personagem	Música que toca quando personagem entra em cena.	8/12
Performance	Música interpretada em cena ou ao vivo.	6/12
Background	Música de fundo	1/12
Outros tipos de utilização		1/12

Periodicidade de distribuição

TV aberta	Trimestral (janeiro/ abril/ julho/ outubro)
TV por assinatura	Semestral (fevereiro e agosto)
Cinema	Semestral (março e setembro)

Colaboração de Pedro Paulo Malta.

Arquivo de família

UMA HISTÓRIA DE AMIGOS, DISCOS E LIVROS

Zé Rodrix deixa saudade e clássicos da música brasileira

“Um cara de múltiplos talentos”. Assim o compositor e músico Ricardo Villas define Zé Rodrix, que aos 21 anos formava o grupo Momentoquatro, a seu lado e ao de Maurício Maestro e David Tygel, em 1966. O adjetivo “múltiplo” lhe é aplicado em vários sentidos, a começar pela diversidade de instrumentos que tocava, como piano, acordeom, flauta, trompete, saxofone e bateria.

Carioca de 1945, José Rodrigues Trindade já era Zé Rodrix quando entrou com o pé direito na carreira de músico. Em 1967, integrando o Momentoquatro, subiu ao palco do III Festival da Música Brasileira da TV Record, defendendo com Marília Medalha e Edu Lobo o clássico “Ponteio” (de Lobo e Capinam), que conquistou o primeiro lugar.

O amigo e parceiro Luiz Carlos Sá – de Sá, Rodrix & Guarabyra – descreve Rodrix de forma semelhante: “ele era um verdadeiro **polvo cultural**: se metia em 200 coisas ao mesmo tempo”. Uma dessas coisas era o estudo da maçonaria, sobre a qual escreveu três livros e deixou um quarto inacabado. “Era um músico extraordinário, muito ágil e rápido, tinha um conhecimento profundo de várias gerações musicais, ouvia muita música. Na década de 1970, fazíamos duas músicas por noite, era impressionante”, recorda o parceiro.

Outras dessas centenas de coisas a que Sá se refere foram as criações para cinema e teatro. Nos anos 1970, quando consagrou as músicas “Casa no campo” (parceria com Tavito), sucesso na voz Elis Regina, e “Mestre Jonas” (com Sá e Guarabyra), o artista também compôs, entre outros, para o filme “Como era gostoso meu francês”, de Nelson Pereira dos Santos, e para as peças musicais “Tem piranha na Lagoa”, de Paulo Affonso Grisolli, e “Independência ou morte”, de Hélio Bloch. Sempre engajado, integrou a diretoria da Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo (Apetesp).

Trabalhar com teatro, aliás, não foi uma novidade para ele. Em 1966, Rodrix integrava a turma do Tablado, de Maria Clara Machado, e atuou nas peças “O cavalinho azul” e “Arlequim – Servidor de dois patrões”. Talvez tenha vindo dessas experiências sua **desenvoltura no palco**. Quem o viu em *shows*, certamente se divertiu com suas tiradas bem-humoradas em músicas como “Soy latinoamericano” (“Soy latinoamericano e nunca me engano...”). Quem não viu, ainda pode fazer uma busca no *site* YouTube (www.youtube.com.br) e encontrar centenas de vídeos com o artista. Para Ricardo Villas, companheiro do Momentoquatro, Rodrix tinha um grande carisma: “um talento no palco capaz de dominar a plateia”.

Também criador de *jingles*, Rodrix chegou a ser da diretoria da Associação Paulista de Publicitários (APP). Entre as campanhas inesquecíveis, está a da Pepsi, feita com seus parceiros Sá & Guarabira, cujo *slogan* foi “Só tem amor quem tem amor pra dar”. E quem não reconheceria os *jingles* “De mulher pra mulher, Marisa” e “Quem disse que não dá? Na Fininvest dá”?

Rodrix teve uma **produtiva carreira solo** e participou de vários grupos. Além do Momentoquatro e do trio com Sá e Guarabyra, ele integrou as bandas Som Imaginário e Joelho de Porco. O retorno do trio Sá, Rodrix e Guarabyra aconteceu no Rock in Rio 3, em 2001, quando gravaram “Outra vez na estrada”. Até 2009, seguiram fazendo *shows*. Em maio deste ano, o trio foi desfeito, mas contra a vontade dos amigos. “Zé morreu dois meses depois de acabar a gravação do nosso CD, ‘Amanhã’”, conta Sá. O disco será lançado em breve pela Roupa Nova Discos e a dupla Sá e Guarabyra continuará divulgando o novo trabalho, fruto da parceria com o velho amigo de múltiplos talentos e muitas saudades.

HELOÍSA

UM VIVA À MÚSICA CLÁSSICA

Por Pedro Paulo Malta

Leo Aversa

Revista, anuário, agenda mensal, sítio virtual, boletim de rádio e programação musical de bordo. É assim que a multifacetada VivaMúsica! Edições é atualmente reconhecida como uma das principais marcas brasileiras ligadas à música clássica. À frente da empresa, a carioca Heloísa Fischer, de 42 anos, é observadora atenta do mercado em que atua desde 1994, quando a rádio Opus 90 FM – emissora em que trabalhava – tirou do ar uma preciosa programação de clássicos. Mais recentemente, a jornalista de ouvidos ecléticos criou o Instituto VivaMúsica! (outra frente!), para viabilizar uma pesquisa de opinião focada no gênero musical, e ainda conseguiu tempo para criar o *blog* Pensando Clássicos (www.pensandoclassicos.blogspot.com), no qual posta seus pontos de vista sobre a atual cena da música de concerto. Nascida como uma revista, em 1994, VivaMúsica! já se desdobrou em anuário, agenda mensal, superportal na internet, boletins na CBN, programas para a TAM...

Gostaria que você falasse um pouco de como surgiu a ideia primeira.
O objetivo de VivaMúsica! tem sido, desde o início, compilar, organizar e distribuir informação do circuito brasileiro de música clássica, visando atender os variados públicos envolvidos com este setor. A primeira ideia foi uma revista mensal que circulou entre assinantes, de 1994 a 1998. Lá no início já estavam muitas das ideias que vieram a se desdobrar nas demais iniciativas posteriores.
Além de todos esses meios, há ainda o Instituto VivaMúsica!, lançado no ano passado para mapear o mercado brasileiro de música clássica.

Como funciona o trabalho do Instituto e, a propósito, a quantas anda o mercado?
O Instituto é um projeto de longo prazo e representa um grande desafio. Nossa principal proposta não é mapear o mercado brasileiro de música clássica, mas sim buscar novos caminhos para chegar a pessoas que ainda não conhecem os clássicos. Estamos trabalhando para viabilizar uma pesquisa de opinião para conhecer as resistências e "brechas de entrada" oferecidas por determinada parcela da população brasileira.
Quanto ao mercado, do meu ponto de vista, acredito que o setor de clássicos vai bem no Brasil. É impossível precisar numericamente, pois não há, ainda, indicadores de negócio na música clássica. Tenho observado, nos últimos 15 anos, um incremento real nas atividades, em especial no mundo sinfônico. O papel da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) tem sido fundamental neste cenário. O "Efeito OSESP" se faz sentir em diversos outros estados, como Minas Gerais, Mato Grosso, Espírito Santo, Bahia e Sergipe.

Que iniciativas você destaca em termos de formação de plateia para a música de concerto no Brasil? O que ainda falta fazer?
As duas iniciativas mais importantes do passado foram os "Concertos para a Juventude", com transmissão pela TV aos domingos de manhã, e o "Projeto Aquarius", quando realizado na Quinta da Boa Vista, no Rio. Ambos os projetos tinham a força propulsora da Rede Globo. A mídia tem um papel fundamental na formação de plateias. Concertos com finalidade de formação de plateia são muito importantes, claro. Mas a força dos meios de comunicação é inigualável. Falta sensibilizar um canal de TV – aberta ou paga – e um patrocinador, mas para isso é necessário um projeto com apelo midiático.

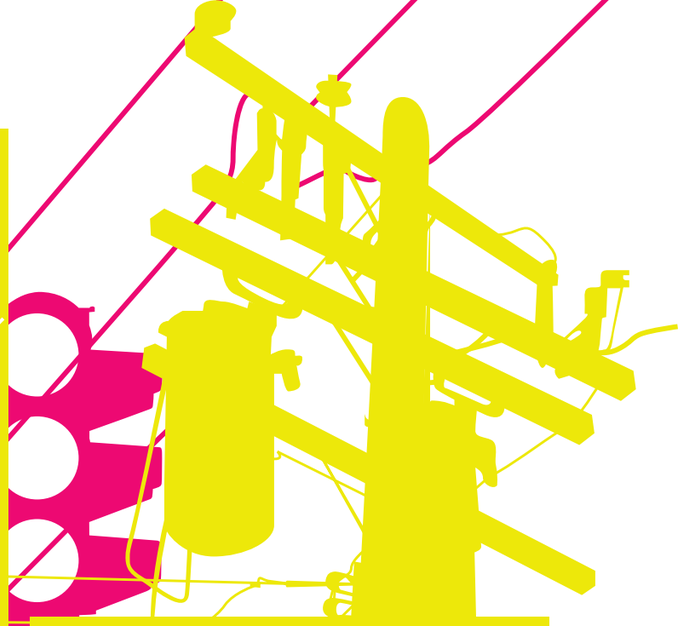
De onde surgiu sua paixão pela música clássica? Que compositores brasileiros em atividade você mais escuta? E da música popular, o que você tem ouvido?
Foi em 1993, quando fui convidada a trabalhar na rádio Opus 90 FM do Rio. Esta era uma emissora comercial de música clássica que funcionou por poucos anos. Na Opus 90, eu descobri os clássicos e me apaixonei por eles. Sempre gostei muito de música, de todas as músicas, mas até então só transitava no popular. Dos compositores clássicos brasileiros em atividade, gosto especialmente da obra de Gilberto Mendes, Ronaldo Miranda e André Mehmari. Na música popular, meu espectro de interesse é realmente amplo. Tenho ouvido bastante o argentino Daniel Melingo e a inglesa de origem indiana Susheela Raman. Gosto de ouvir pela internet a Radio Nova, de Paris, e lá aprendo muito.

Em novembro deste ano, completa-se meio século de morte de Heitor Villa-Lobos, que, sendo o nome brasileiro mais conhecido na música clássica, foi compositor que transitou na fronteira clássico/popular (admirador confesso do choro). Com que forma a obra de Villa-Lobos chega ao fim da primeira década do século 21?
Creio que chegue mais atual do que nunca. Villa-Lobos era um criativo excepcional e conseguiu levar para a sua música um espírito de brasilidade difícil de encontrar em outros criadores. Não era à toa que Tom Jobim o admirava tanto. Fico feliz que VivaMúsica! tenha conseguido, por meio de uma consulta realizada em 2005 a profissionais do meio musical, transformar a data de nascimento de Villa-Lobos em Dia da Música Clássica. O 5 de março foi oficializado este ano pelo presidente Lula e faz parte do calendário comemorativo do Brasil. Antes, já havia sido oficializado pela prefeitura do Rio e pelo governo do estado.

Qual sua opinião sobre o destino incerto da Cidade da Música?
A questão é complexa e envolve um mix de aspectos políticos e culturais. Quando a prefeitura do Rio decidiu construir a Cidade da Música, o que estava em questão era apenas uma obra. Este é o principal problema, a meu ver. Não houve um projeto maior, pensado antes do início da construção, que englobasse também um equipamento cultural. O equipamento foi construído com a promessa de ser a sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, mas a própria orquestra esteve afastada do processo de pensar e construir o espaço. A Cité de la Musique, de Paris, que teria sido o modelo para o projeto da Cidade da Música, tem um funcionamento bem diferente, pois está atrelada ao Conservatório de Música local. No Brasil, obras públicas – grandes ou pequenas – sempre estão sujeitas a dar problema. A apropriação particular da coisa pública é algo atávico na cultura brasileira. Some-se a isso a ideia errônea e anacrônica de que música clássica destina-se à elite e temos aí um caldeirão de problemas.

FISCHER

FIQUE DE OLHO



DIREITOS FONOMECÂNICOS

MAIS UM SERVIÇO DA UBC PARA SEUS TITULARES

Desde o início deste ano, a UBC administra também direitos de reprodução. Este direito se refere à reprodução de obras gravadas em CDs, ou qualquer outro tipo de suporte, ou arquivo digital, capaz de armazenar gravações sonoras. O direito de reprodução hoje inclui também o armazenamento permanente ou temporário em bases de dados, com a finalidade de distribuição dos arquivos compactados em formato digital, através da transmissão, seja pela internet ou pela rede de telefonia móvel. Os serviços que oferecem *downloads* permanentes ou temporários e *streaming* precisam obter autorização de reprodução das obras, que é concedida pelos respectivos titulares ou agora pela UBC, em nome daqueles autores e titulares que conferem mandato à sociedade para representá-los também nessa modalidade de utilização de suas obras. Para obter mais informações, entre em contato com a UBC pelo *e-mail* fonomecanico@ubc.org.br, pelo telefone (21) 2223-3233 ou procure a filial mais próxima.

REGISTRO

SITE CONTA COM SEÇÃO SOBRE DIREITO AUTORAL

A Escola de Música da UFRJ disponibiliza no seu *site* (www.musica.ufrj.br) um passo a passo de como registrar composições. O Formulário de Registro Autoral também está acessível no *site* da Escola. Para quem quiser se aprofundar no assunto, a página virtual também indica uma "Bibliografia do direito autoral". Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (21) 2240-1391.

TV BAND

UMA VITÓRIA TELEVISIVA

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) negou o recurso da TV Band contra a decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo que a condenou a pagar 2,5% do faturamento bruto da emissora ao Ecad. Como a TV não paga direito autoral das obras musicais utilizadas desde 1999, sua dívida está em torno de R$ 70 milhões. A decisão judicial assinada pelo ministro do STJ, Sidnei Beneti, destaca que "cabe ao Ecad ou aos titulares dos direitos autorais a fixação dos valores para a cobrança dos direitos patrimoniais decorrentes da utilização das obras intelectuais". O percentual do pagamento é o mesmo para todas as TVs abertas. A Globo e o SBT também estão questionando esse valor, mas vêm fazendo o pagamento em juízo.

TV A CABO

NO PARANÁ, OUTRA CONQUISTA

Assim como a TV Band, a Net Arapongas, do Paraná, entrou com recurso contra o Ecad e perdeu. A sentença proferida pelo Tribunal de Justiça do Paraná, em junho, negou o recurso da Net Arapongas, reconhecendo que a fixação do valor da retribuição autoral pela execução pública de músicas, compete ao próprio autor, por meio do Ecad. A TV terá que pagar os valores referentes ao direito autoral devido desde 2004, com multa, além das despesas judiciais.

TRIBUNAL MINEIRO DÁ BOM EXEMPLO

O Tribunal de Justiça de Minas Gerais determinou, em junho, a suspensão da execução de músicas da Rádio Central do Triângulo Mineiro, por débitos no pagamento de direitos autorais das obras musicais desde 2004. Segundo o gerente do Jurídico do Ecad, Samuel Fahel, decisões como essa ajudam a educar a sociedade: "É muito bom saber que o tribunal mineiro está mais receptivo à questão do direito autoral. A sociedade só tem a ganhar com isso". A decisão repercutiu positivamente em outras emissoras que estavam devendo ao Ecad, fazendo com que buscassem renegociações para impedir que suas programações musicais também fossem suspensas.

DO INÍCIO AO MEIO RAUL SEIXAS

Por Márcio Guerra

Sylvio Passos

Sylvio Passos, emoldurado com o cantorna primeira foto, zela pelo baú do Raul.

O início foi em Salvador. O jovem baiano Raul Santos Seixas, conhecido como Raulzito, fazia um som que misturava as influências do *rock and roll* de Elvis Presley, seu ídolo, com a batida regional de Luiz Gonzaga, o rei do baião. Em 1967, aos 22 anos, Raulzito gravava seu primeiro disco com a banda The Panthers, mas o **reconhecimento nacional** só viria mesmo com o lançamento do compacto "Ouro de Tolo" (Eu devia estar contente/ porque eu tenho um emprego/ sou um dito cidadão respeitável...) em 1973. O meio dessa história todo mundo conhece. Foram mais de 20 anos de carreira e mais de 200 músicas gravadas em 18 discos – isso sem contar as coletâneas e relançamentos.

No dia 21 de agosto de 1989, aos 45, Raul Seixas morria em seu apartamento em São Paulo, vítima de parada cardíaca causada por uma pancreatite. Seria o fim? Parece que não. Passados 20 anos de sua morte, fãs e admiradores não deixam esta história cair no esquecimento. Prova disso é a produção de um documentário, uma biografia e um pacote de lançamentos em CD e DVD que o homenageiam este ano. A comunidade do artista no Orkut conta com mais de 113 mil adeptos, as rádios não deixaram de tocar sucessos como "Mosca na sopa", "Gita" e "Tente outra vez", e é fácil ouvir o grito "Toca Raul!" nas plateias.

Em maio passado, por exemplo, a 5ª edição da Virada Cultural de São Paulo teve um palco dedicado exclusivamente a Raul Seixas. Dezenove bandas se apresentaram durante 24 horas no Palco Toca Raul com músicas do seu repertório. "Essas apresentações foram gravadas e existe a possibilidade de lançar esse material em DVD e CD", revela Sylvio Passos, presidente do fã-clube Raul Rock Club (www.raulrockclub.com.br). "Além disso, estamos negociando com a gravadora Eldorado o lançamento de dois discos só com **material inédito**", completa.

O fã-clube fundado por Sylvio Passos em 28 de junho de 1981, data de aniversário de Raul, era considerado pelo próprio ídolo como seu fã-clube oficial. "Um dia Raul me disse: 'Toma meu baú inteiro, leva para você. Estou te passando a minha vida'", conta Passos, que herdou o famoso Baú do Raul. Esse material está guardado na garagem de sua casa, mas Passos sonha em montar um memorial para que todos tenham acesso ao acervo. "Faço exposições itinerantes em várias cidades do Brasil, mas quero montar uma espécie de memorial ou centro de estudos para que as pessoas conheçam e estudem a vida e a obra dele".

O próprio Raul tinha a preocupação de que sua história não fosse esquecida. Tudo que fazia era registrado em cadernos, como um diário, além de guardar objetos, roupas e fitas com suas gravações. Boa parte dessas recordações fará parte do documentário "O início, o fim e o meio", que será lançado ainda este ano em circuito nacional. "Vamos aproveitar o ano de morte para fazer essa **homenagem**", afirma Denis Feijão, produtor executivo do filme. O longa-metragem contará com muitas imagens de arquivo, entrevistas e material inédito da carreira de Raul. A direção do documentário é de Walter Carvalho e Evaldo Mocarzel.

Outra homenagem pelos 20 anos de morte de Raul é o lançamento de uma biografia. Apesar de existirem mais de 30 livros publicados com registros da vida e da obra de Raul Seixas, essa publicação promete se destacar pela imparcialidade de uma pesquisa que vem sendo feita há quase cinco anos. "Na verdade, ainda não existe uma biografia do Raul, o que existem são muitos livros sobre aspectos da vida dele", sentencia o jornalista Edmundo Leite, autor da biografia em produção. O escritor prefere não falar muito sobre o conteúdo da biografia, mas garante que o lançamento vai acontecer ainda este ano. Não vão faltar histórias para contar a vida de quem cantava "eu nasci há 10 mil anos atrás".

AGENDA

ENCONTRO DE MÚSICA ANTIGA

O Conservatório Pernambucano de Música está preparando a sétima edição do encontro que será realizado no **Recife e em Olinda, de 5 a 12 de agosto**. Além de concertos e palestras, serão oferecidos cursos de instrumentos antigos, canto e dança barrocos. Mais informações podem ser obtidas pelo *e-mail* homrib-cpm2009@yahoo.com ou pelo telefone (81) 3423-0718.

SEMINÁRIO MÚSICA NAS ESCOLAS

A revista Carta na Escola promove, no dia **17 de agosto, em São Paulo**, o Seminário Música nas Escolas. O evento irá apresentar propostas sobre o ensino de música para que os educadores desenvolvam esse novo conhecimento com seus alunos. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas pela página www.mercadocapital.com.br/musica.php.

FEIRA MÚSICA BRASIL

O evento, dedicado principalmente à área de negócios, acontece de **3 a 7 de setembro, no Recife**, PE. A programação conta com feira de produtos, debates, oficinas, *shows* e mostra de clipes. Mais informações sobre as inscrições estão no *site* www.feiramusicabrasil.com.br.

CONCURSO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO FRANCISCO ESCUDERO

Promovido pela instituição basca Hauspoz, o concurso conta com duas categorias: acordeom solista (prêmio de €1 mil) e música de câmara para acordeom (€1,5 mil). Podem participar compositores de todas as idades e nacionalidades. As **inscrições podem ser feitas até 8 de setembro**. Mais informações: www.hauspoz.org.

CONGRESSO ANPPOM

A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) realiza o Congresso ANPPOM **em Curitiba, dos dias 24 a 28 de agosto**. Mais informações no www.anppom.com.br.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA ELETROACÚSTICA PRIMAVERA EM HABANA

O Laboratório Nacional de Música Eletroacústica e o Instituto Cubano da Música promovem a 13ª edição do festival em março de 2010. Os interessados devem se inscrever **até 15 de dezembro**. Mais informações: www.electroacustica.cult.cu.

CONCURSO CULTURAL

A banda Babado Novo está promovendo o concurso cultural "Que babado é esse?". Para participar, é preciso fazer um clipe caseiro com a música "Encontro de amor". O autor do melhor vídeo receberá como prêmio um Gol 1.0, 2009, Flex. As inscrições estão abertas **até o dia 30 de setembro**. Mais informações no *site* www.quebabadoeesse.com.br.

ASCAP INTERNATIONAL AWARDS PROGRAM

A UBC está recebendo inscrições para o prêmio internacional **até o dia 30 de novembro**. Para se candidatar, o artista deve ter feito *show* nos Estados Unidos no período de 1º de outubro de 2008 a 30 de setembro de 2009. Mais informações no Setor de Comunicação da UBC, pelo telefone (21) 2223-3233.

FESTIVAL NACIONAL DA CANÇÃO

As cidades mineiras Extrema, Três Pontas, Varginha e Alfenas serão palco do Festival da Canção **durante o mês de agosto**. A entrada para assistir aos espetáculos é gratuita. Mais informações no www.festivalnacionaldacancao.com.br.

CONCURSO INTERNACIONAL BNDES DE PIANO

Estão abertas **até o dia 2 de agosto** as inscrições para o 1º Concurso Internacional BNDES de Piano do Rio de Janeiro, voltado para jovens pianistas, com idades entre 17 e 30 anos, e exclusivamente para piano clássico. Os prêmios em dinheiro alcançam R$ 100 mil. Mais informações: www.concursopianorio.com.

UBC

UBC E UCAM. UMA PARCERIA ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

A UBC e a Universidade Candido Mendes (Ucam) fecharam uma parceria que irá contribuir para a formação de gestores e produtores culturais. Os três primeiros titulares filiados interessados serão contemplados com um desconto de 30% no valor de um dos seguintes cursos da UCM:

MBA em Gestão Cultural (início em outubro de 2009)

Pós-graduação *lato sensu* em Produção Cultural (início em fevereiro de 2010)

As aulas acontecem na sede da UCM, no Centro do Rio de Janeiro.

NÃO PERCA TEMPO!

Se você se interessou,
procure o Departamento de
Comunicação da UBC: (21) 2223-3233.

Ubc
BRASIL
UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES

DE RITA LEE A MALLU MAGALHÃES.

Fotos de divulgação

TODAS AS GERAÇÕES ESTÃO NA UBC.

RIO DE JANEIRO
Rua Visconde de Inhaúma, 107. Centro
Rio de Janeiro - RJ. CEP: 20.091-007
Tel.: (21) 2223-3233/ Fax: (21) 2516-8291
ubc@ubc.org.br

SÃO PAULO
Rua Cincinato Braga, 321/ 11º andar. Bela Vista
São Paulo - SP. CEP: 01.333-011
Tel.: (11) 3326-3574/ Fax: (11) 3315-8389.
ubcsp@ubc.org.br

RECIFE
Rua Francisco Alves, 590/ 803 -
Empresarial Negocial Center. Ilha do Leite
Recife - PE. CEP: 50.070-490
Tel.: (81) 3421-5171/ Fax: (81) 3421-5119
ubcrecife@ubc.org.br

BAHIA
Av. Prof. Magalhães Neto, 1752/ 602 - Ed. Lena Empresarial
Pituba - BA. Cep: 41.810-012
Tel.: (71) 3272-0855/ Fax: (71) 3272-0856
ubcbahia@ubc.org.br

MINAS GERAIS
Av. Alvares Cabral, 344/ 905 - Ed. Europa. Centro
Belo Horizonte - MG. CEP: 30.170-911
Tel.: (31) 3226-9315/ Fax: (31) 3226-8951
ubcmg@ubc.org.br

PORTO ALEGRE
Rua Quintino Bocaiuva, 655/ 501. Bairro Floresta
Porto Alegre - RS. CEP: 90.440-051
Tel.: (51) 3222-2007/ Fax: (51) 3222-1986
ubcrs@ubc.org.br

WWW.UBC.ORG.BR